

PUBLICIDADE

# A tragédia brasileira que virou peça de teatro na Europa

“Antígona na Amazônia” relembra o Massacre de Eldorado de Carajás, no qual 17 membros do MST foram assassinados pela polícia, em 1996

Por João Bernardo Caldeira — para o Valor, do Rio

21/06/2023 05h19 · Atualizado há 2 horas

---



Atores no palco interagem com cenas filmadas, uma marca do teatro de Milo Rau — Foto: Divulgação

A vinda ao Brasil como artista em foco da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo de 2019 inspirou o diretor teatral suíço Milo Rau a tornar o país o mote central de seu novo trabalho. A peça estreou em maio, na Bélgica, e segue em turnê mundial até 2025. “Antígona na Amazônia” mescla a tragédia grega de Sófocles com a história do Massacre de Eldorado de Carajás, no qual 17 membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) foram assassinados pela polícia em 1996.

A peça tem a presença de sobreviventes do massacre, ativistas do movimento, povos indígenas, atores e dramaturgos belgas e brasileiros, além do pensador Ailton Krenak, e faz parte do ciclo de obras do diretor em zonas de conflito.

A turnê, que chegará em julho a um dos principais eventos de teatro do mundo, o Festival de Avignon, na França, ganhou espaço em importantes jornais como “Le Monde” e “The New York Times”. Não tem previsão para apresentações no Brasil, mas Rau afirma: “Não vamos terminar essa turnê sem chegar ao Brasil”.

Além de associar mitologia grega, meio ambiente, antifascismo, exploração colonial, as vítimas de Carajás e da ditadura militar de 1964 e os mais de 700 mil mortos no Brasil durante a pandemia, assim como episódios como a chuva de cinzas em São Paulo quando “caiu a noite em plena luz do dia”, a peça também é acompanhada de uma campanha. Um manifesto questiona a legitimidade das emissoras de certificações verdes para a Agropalma, maior fornecedora brasileira de óleo de palma para multinacionais, segundo a campanha. Entre os signatários da petição, que pleiteia auditorias e boicotes, estão intelectuais de renome como Noam Chomsky, Angela Davis, Giorgio Agamben, Judith Butler, Slavoj Zizek e Annie Ernaux.

Procurada pelo Valor, a Agropalma afirma que repudia veementemente as informações contidas no manifesto, garante que realiza ações em prol da proteção do meio ambiente e do desenvolvimento das comunidades que vivem no entorno de suas operações e atesta a validade de suas práticas de sustentabilidade por meio das 12 certificações obtidas junto a instituições internacionais.

Como em trabalhos anteriores, Rau leva aos palcos fatos narrados com a interação entre atores em cena e imagens exibidas em telão. “Antígona na Amazônia” faz parte de uma trilogia de mitos iniciada com “Oréstia”. de Ésquilo. no Iraque. em 2019. Em

seguida, no filme “The New Gospel”, a vida de Jesus Cristo é contada por meio da exploração de refugiados africanos no Sul da Itália.

O espetáculo traz cenas da reencenação do Massacre de Eldorado de Carajás, filmadas no local em que ocorreu em 17 de abril (o dia do massacre) passado, na curva do S, rodovia PA-150, no sul do Pará.

Situada numa guerra civil, a tragédia “Antígona” conta a saga da personagem que tenta enterrar seu irmão, Polinice, à revelia das determinações de Creonte, que estabeleceu que este não teria direito à tradição dos funerais por ter lutado contra a pátria. Deste conflito, decorre uma série de mortes e suicídios trágicos.

A fricção entre teatro e trauma social forma o eixo das obras de Milo Rau. “Para mim esse lugar, próximo da Amazônia, era interessante como uma espécie de última fronteira da civilização diante de outras culturas e cosmovisões: de um lado está Creonte, representando a razão ocidental, e do outro, Antígona, que critica esse modelo extrativista e capitalista das democracias modernas e defende a conexão com a terra, com os mortos, o passado e o futuro”, explica.

“Também era importante para mim fazer esse elo para o público europeu entre os produtos comprados no supermercado e a indústria do certificado verde”, diz. “Não devemos falar do colonialismo como algo do passado, mas um processo ainda existente. É mais do que apenas uma peça de teatro.”

No dia da filmagem, pela primeira vez desde o início das homenagens realizadas anualmente pelo MST no local, um carro policial, portando um mandado judicial que lhes permitia o uso da força, tentou impedir as filmagens e celebrações. Diante da pressão, o corno policial cedeu.

“Penso que esses policiais também sofrem desse trauma, pois foram forçados a atirar em seus concidadãos, a tragédia engloba todos os envolvidos”, reflete Rau. “Sempre soube que seria impossível incluir os policiais de 1996 no espetáculo, mesmo para uma conversa, e a chegada desses policiais no dia da filmagem foi algo mágico, porque era necessário que eles estivessem lá como parte dessa história.”

Em outra passagem também filmada no Pará, uma sobrevivente do massacre relembra detalhes daquele dia: “Mamãe vai atrás de uma terra para dar uma vida digna pra você”, diz ao filho que previu, em sonho, a morte que se anunciava.

Krenak interpreta Tirésias, como vidente de nosso tempo: “A terra tem febre, ela reclama, você não vê os sinais?”, questiona. No palco estão os brasileiros Frederico Araújo e Pablo Casella e os belgas da Companhia NTGent Arne De Tremmerie e Sara De Bosschere. Os textos foram construídos colaborativamente com os próprios atores e os brasileiros falam português, com legendas para o público.

Na semana de estreia, a atriz indígena brasileira Kay Sara, que faria o papel-título no palco, desistiu de participar da turnê, permanecendo apenas com suas imagens em vídeo. Voltou para casa decidida a, dali por diante, criar arte “apenas com os seus”.

Essas idas e vindas do processo, iniciado antes da pandemia, são compartilhadas com o espectador. “A realidade intervém nesse teatro, que é atravessado pelas experiências reais”, explica a diretora do grupo paulistano Coletiva Ocupação, Martha Kiss Perrone, da equipe de dramaturgia. “Projetos interculturais possuem muitos conflitos”, reconhece Rau. “Os tensionamentos e contradições são necessários e precisam ser incluídos no trabalho. Se queremos soluções para o colonialismo, temos de tentar descobrir o que fazer, em vez de simplesmente ficarmos calados.”